

PRODUZIR CONHECIMENTO SOBRE SI MESMAS:
UMA REFLEXÃO HISTÓRICA SOBRE PRÁTICAS FEMINISTAS AUTÔNOMAS NA
BOLÍVIA

PRODUCING KNOWLEDGE ABOUT "THEMSELVES":
A HISTORICAL REFLECTION ABOUT AUTONOMOUS FEMINIST PRACTICES IN BOLIVIA

Gleidiane de Sousa Ferreira*
gleidiane_cultura@hotmail.com

RESUMO: Este trabalho tem como objetivo central analisar alguns elementos da atuação política do grupo feminista anarquista boliviano *Mujeres Creando*, especialmente, no que se refere às suas elaborações de análises feministas. A escrita teórica, a rádio independente, o jornal alternativo, a produção e a publicização de arte de rua, assim como a tentativa de articular a "tomada" das tecnologias e dos espaços como uma forma de produção discursiva sobre o feminismo, fazem parte da experiência de militância dessas mulheres desde a sua emergência, no ano de 1992. Buscando "tomar la palabra" como modo de pensar e falar sobre elas próprias, tal grupo construiu uma larga apropriação das mídias autônomas e autogestionadas que se tornaram marcas registradas de seu feminismo. Assim, considerando o recente contexto político boliviano, busco discutir historicamente a ideia de feminismo construída pelo grupo, em especial, considerando o desejo por autonomia como questão central de atuação.

PALAVRAS-CHAVE: feminismo, autonomia, Bolívia

ABSTRACT: This paper are mainly focused to analyze some elements of political action of the feminist anarchist Bolivian group *Mujeres Creando*, especially with regard to

* Doutoranda em História Cultural pela Universidade federal de Santa Catarina

Gleidiane de Sousa Ferreira. PRODUZIR CONHECIMENTO SOBRE SI MESMAS

their elaborations of feminist analyzes. The theoretical writing, the independent radio, the alternative newspaper, the production and popularization of street art, as well as attempting to articulate the “taking” of technologies and spaces as a form of discursive production about feminism, are part of experience of activism of these women since its emergence in the year 1992. Seeking “take the word” as a way to think and talk about themselves, such group built a large appropriation of autonomous and self-organized media that have become symbols of their feminism. Thus, considering the recent Bolivian political context, I seek to discuss the idea of feminism historically constructed by this group, especially considering the desire for autonomy as a central issue of action.

KEY WORDS: Feminism, autonomous, Bolivia

TOMANDO A PALAVRA

No ano de 1992, na cidade de La Paz na Bolívia, emergiu um grupo feminista anarquista denominado *Mujeres Creando*. Fundado pelas ativistas María Galindo e Julieta Paredes, esse grupo buscava denunciar a forma como boa parte dos movimentos de esquerda e dos grupos de militância anarquista pós-ditaduras militares, construídos majoritariamente por homens, eram machistas e secundarizavam as lutas feministas e os debates de gênero. Após vinte anos de atuação, tal grupo, ainda hoje, é uma referência em termos de debate e militância feminista dentro do atual cenário político boliviano, e também latinoamericano, buscando formas diversificadas de visibilizar suas críticas.

Durante essas duas décadas, uma das principais marcas da militância dessas mulheres se deu na tentativa de produzir análises sociais feministas, e também, de fazer do discurso feminista uma “palavra” que adentrasse o cotidiano político da história recente desse país; tecendo críticas

a diferentes grupos de militância bolivianos, e também, aos feminismos das chamadas “tecnocratas de gênero”¹.

A escrita materializada em revista e jornal feminista, as atividades de rua em que o corpo é utilizado como escritura política, os grafites, e os meios de comunicação utilizados pelo grupo de forma autônoma e auto-gestionada, são maneiras de construir diferentes formas de veiculação de ideias, em especial, da ideia de feminismo defendido pelo grupo. Nesse sentido, o objetivo deste artigo é abordar a experiência de militância desse ativo grupo de feministas, que desde os anos 90, produziu uma farta gama de estudos feministas e constituiu um dos principais grupos de crítica social e cultural no atual cenário político boliviano. Três questões centrais norteiam as primeiras linhas desse texto: Quais as principais críticas levantadas pelo feminismo desse grupo? De que modo essas críticas podem ser situadas historicamente nos processos políticos recentes da história política boliviana? Quais suas principais especificidades quando o situamos com os demais discursos feministas latino-americanos, em especial, na década de 1990?

Formado especialmente por mulheres de classes populares, que politicamente se denominam como *“indias, putas y lesbianas”*, tal coletivo explorou nesse cenário político atual um debate interseccional, em que as diferentes formas de opressão foram (são) pensadas de maneira articulada, destacando a necessidade de uma análise social e de uma prática política considerando as variadas formas de opressão que marcam os grupos explorados no mundo. A interseccionalidade é entendida aqui como um esforço teórico e metodológico de compreender as explorações de gênero, raça, classe e sexualidade de forma relacionada e contingentemente situada. Desenvolvida pelas feministas negras nos Estados Unidos na segunda metade do século XX, em especial, nos anos setenta, essa perspectiva busca romper com uma abordagem moderna, eurocêntrica e colonial que pensa as desigualdades de forma categorial, separada e solapada. A importância

do olhar interseccional se dá na não setorização das opressões, no exercício de compreendê-las dentro de um processo histórico, buscando analisar suas interdependências e complementariedades. Como definiu a teórica feminista pós-colonial María Lugones, é necessário defender a interseccionalidade como uma,

lógica de la fusión, de la trama y de la emulsión. Esta lógica defiende la inseparabilidad de la raza, clase, sexualidad y género. Mientras la lógica de la interconexión deja intacta la lógica de las categorías, la lógica de la fusión la destruye. (LUGONES, 2005, p. 66)

Desse modo, é importante destacar que o debate interseccional aparece como preocupação central destacada na ação do grupo Mujeres Creando. É a partir desse debate que a própria categoria “mulheres” é construída em seus discursos de militância. É uma categoria contingente, que mobiliza alianças tangenciadas por compromissos políticos que buscam uma visão mais radical da igualdade entre os grupos explorados, e não de uma identidade abstrata e universal como as que marcam muitos dos discursos feministas brancos e liberais. Como destacado nas primeiras páginas do livro *“No se puede descolonizar sin despatriarcalizar: teoría y propuesta de la patriarcalización”*, escrita por uma das fundadoras do grupo e se referindo aos debates propostos na obra, diz:

La lectura de este libro puede resultar peligrosa para ministras de Estado, viceministras, asesoras del gobierno, diputadas, senadoras, candidatas, oenegeras y otras. Puede causarles malestar estomacal, intensos dolores de cabeza, náuseas y derivar en estados depresivos insuperables. (GALINDO, s.d, p.15)

A rápida apresentação do livro busca indicar não apenas uma crítica as diferentes mulheres que assumem posições institucionais, mas também, apresenta as filiações classistas em que o grupo busca se situar. Nesse sentido, indica também, a crítica a determinados “formatos” de fazer feminismo. A crítica ao feminismo vinculado às ONGs internacionais – que recorrentemente se apropriariam dos discursos de gênero em diferentes

países da América Latina, sem tecer críticas mais complexas às diferentes formas de opressão – é uma das expressões da perspectiva de feminismo e da abordagem interseccional desse coletivo. Como destacado na citação acima, a crítica às propostas institucionais de militância feminista é amplamente ironizada e criticada nas produções do grupo.

Destacando suas filiações às ideias anarquistas, a autonomia e a independência de instituições e partidos políticos, são tidos como bases de atuação militante; o que por sua vez, segundo elas, garantiria a criatividade e a liberdade de ação como princípio político. Essas escolhas se distanciam de boa parte dos feminismos latino-americanos desde a década de 1990, em que muitas mulheres passaram a compor e a fortalecer, cada vez mais, os níveis institucionais, oficiais e estatais de militância.

Nesse contexto da história recente do feminismo latino-americano é importante destacar a forte atuação dessas Organizações-Não-Governamentais na promoção de discursos e pautas feministas. Essas ONGs pautaram as principais discussões relacionadas às temáticas de gênero – como violências, emprego, salários iguais, contracepção, acesso à justiça pelas mulheres – assim como, construíram muitas das políticas que tomaram forma em diferentes países, como no caso da própria Bolívia. (MONTECINOS, 2003) Diversas pesquisadoras feministas refletiram criticamente as principais questões e contradições que marcaram esse momento do feminismo. Os limites criativos impostos por essa filiação foi também discutido por diferentes grupos feministas – como o aqui estudado – especialmente por manterem as críticas feministas vinculadas a uma perspectiva jurídica das demandas relacionadas ao gênero, e frequentemente vinculadas às demandas internacionais do mercado. Sonia Alvarez, em texto clássico escrito nos anos 1990 discutindo os feminismos latino-americanos, destacou essa questão. Para essa autora, muitas das ONG que inicialmente tinham a intenção de desconstruir os discursos de gênero enraizados na sociedade, acabaram por

atender a demanda governamental de um “feminismo profissionalizado”, ou seja:

a nível local y global, cada vez más se privilegia la ejecución de proyectos gubernamentales de género, la evaluación de políticas públicas, y la provisión de servicios sociales a las mujeres, especialmente a aquellas excluidas por el modelo neoliberal reinante. (ALVAREZ, 1998, p. 4)

Não se trata de afirmar que a perspectiva política adotada pelo grupo Mujeres Creando seja de maior valor e importância que as demais perspectivas de feminismos existentes na história recente da América Latina. No entanto, o que gostaria de destacar nesse artigo é a importância das diferentes produções teóricas e críticas elaboradas por esse grupo, que estiveram relacionadas a uma tentativa de maior autonomia da palavra, desenvolvendo críticas aos possíveis vícios de se construir discussões feministas desde as instituições, ou legitimando hierarquias étnico-raciais e de classe. Nesse sentido, após realizar um levantamento inicial da ampla produção realizada pelas Mujeres Creando, um elemento central que destaque, não apenas para a elaboração deste texto, mas também, como uma das principais características da tática política desenvolvida pelo grupo, é a de “tomar la palabra” como um campo central de ação feminista.

Falar sobre si é hoje uma possibilidade para os sujeitos “subalternos”? Como indagado pela feminista indiana Gayatri. C. Spivak em *Pode o subalterno falar?*, o subalterno, em especial a mulher subalterna, dificilmente dispõe de um mecanismo de desenvolvimento da própria “fala”, da possibilidade autônoma de “expressar” e “ler” a si própria. (SPIVAK, 2012) O domínio da palavra escrita, principalmente quando nos referimos aos lugares do globo marcados por processos de colonização e que ainda hoje estão imersos às desigualdades decorrentes do capital internacional – cujo letramento, a autonomia e o empoderamento da palavra e os recursos para a disseminação das ideias é centralizado nas mãos de poucos sujeitos – “tomar

a palavra” é elemento marcadamente excluído das experiências de grande parte dos sujeitos subalternos (as) do mundo.

Segundo Spivak, um dos grandes motivos é a própria construção teórica e metodológica da análise dos sujeitos sociais, desenvolvida de forma monolítica e essencialista por boa parte da intelectualidade dos grandes centros de produção de conhecimento no globo. Essa intelectualidade, mesmo que discursivamente comprometida com as classes populares e com a tentativa de descentrar as visões unilaterais dos sujeitos sociais, acabava, em decorrência de não situar o lugar de fala do sujeito que produz o conhecimento, por essencializar e reafirmar a posição subalterna dos sujeitos estudados. (SPIVAK, 2012)

Dessa forma, é preciso ter em vista que a busca por lugares de “fala” pode simbolizar uma condição mais democrática da posição dos sujeitos; no entanto, é necessário também, que tal ação signifique um descolamento histórico e epistemológico da produção de conhecimento. É nessa linha de interpretação que, inicialmente, esboço uma discussão da preocupação por parte do grupo *Mujeres Creando* de apropriar-se da “fala” como forma de atuação do feminismo; mas também, de problematizar o meu lugar como pesquisadora que se aventura a “falar” sobre a experiência de militância dessas mulheres.

Dessa forma, o objetivo aqui não é sinalizar uma homogeneidade política e identitária dessas mulheres, mas visibilizá-las como sujeitos sociais que durante pouco mais de vinte anos, travaram lutas políticas pela direito de se organizarem de forma autônoma, de construírem diálogos e ampla produção de crítica feminista e de rearranjarem a ideia de “falar” como uma ação política; considerando as contradições, as dificuldades e as incompletudes que envolvem esse processo.

ARTICULANDO O PROCESSO DE “FALA”

Durante o período de existência do coletivo, além da grande produção de textos, artigos, livros e documentários que buscavam veicular suas críticas sociais, o grupo criou em 1993 um centro cultural auto-gestionado chamado *Café Carcajadas*, que funciona até os dias de hoje na *Casa Virgen de los deseos* no centro de La Paz.² A casa se constituiu um espaço de leituras, discussões, alimentação, hospedagem, alfabetização de mulheres, e também, o lugar onde funciona uma creche exclusiva para mães solteiras e uma rádio popular feminista chamada *Rádio Deseo*.³ Em 2012, uma nova sede foi inaugurada em Santa Cruz de la Sierra com o objetivo de organizar e “empoderar” os feminismos populares das chamadas terras baixas bolivianas. Recentemente, a primeira importante atividade da segunda casa foi a organização de um jornal feminista, que passou a ser vendido em diferentes cidades bolivianas. Me referirei a essa produção mais adiante.

Nos anos 2000 o coletivo lançou – fruto da articulação entre vários grupos e mulheres feministas libertárias de mais de dez países do mundo – uma revista de análise feminista chamada *Mujer Publica*. Apesar de contar com a colaboração de feministas de diversos países, a revista foi idealizada, e é desde então, editada e coordenada pelas *Mujeres Creando*. Tal publicação é fruto do acúmulo de vários anos de extenso trabalho de reflexão e crítica feminista, que envolve mulheres acadêmicas, militantes populares e artistas feministas. Pela própria dificuldade da materialização, a periodicidade da publicação não é fixa, tendo intervalos de anos entre elas.

Imagem 1⁴

Com mais de cem páginas por número, esse impresso tem como principal característica problematizar diferentes temas a partir de uma perspectiva feminista. Apesar de produzida na cidade de La Paz, a revista conta em todas as edições com variados “puntos de vistas” de feministas de diferentes lugares do mundo. Embora boa parte dessa produção esteja direcionada a textos que debatam os temas escolhidos para cada edição, a divulgação de obras artísticas feministas na revista também faz parte das diretrizes encontradas nessa publicação. A estética encontrada no veículo busca sinalizar para a importância de produções autônomas dentro do feminismo, sejam elas acadêmicas ou não, nas ruas ou nas diferentes profissões ocupadas pelas mulheres e que devem ser fruto de discussões feministas.

A revista destaca um compromisso por lançar discussões atuais sobre as distintas formas de feminismos do mundo, e sobre os principais temas que envolvem a crítica feminista contemporânea. Nas diferentes edições dessa publicação – que pode ser encontrada em diversas bancas de revistas e jornais espalhadas pela cidade de La Paz – suas leitoras e leitores podem ter acesso a várias análises de temas como a economia e as crises capitalistas, feminismo e questões ambientais, amor, sexualidade, aborto,

pobreza, movimentos sociais, arte feministas, dentre variadas questões que mostram a preocupação em se produzir uma crítica cultural e social do machismo e do “patriarcado” na sociedade contemporânea.

Além disso, esse veículo possui uma política de divulgação de diferentes trabalhos de autoras dos estudos de gênero e feminismos no mundo, como o exemplo das renomadas Judith Butler e Beatriz Preciado. A tentativa é de se produzir e divulgar ideias de perspectivas geográficas, teóricas e políticas diferentes, não apenas das(os) autoras(es) já conhecidas(os) internacionalmente, mas principalmente de todas(os) aquelas(es) que se dedicam a discussão de temas desde uma ótica feminista. Não à toa, a revista é subtitulada de “puntos de vistas”, na tentativa de indicar a diversidade existente nessa publicação.

Nesse mesmo sentido, lançado no ano de 2013, outro importante veículo do grupo atualmente é o jornal impresso *Malhablada*. Pensado como um lugar para se construir escrita “periodística” feminista, o jornal quinzenal, que circula no valor de dois bolivianos (preço bastante acessível para a população boliviana), marca a trajetória recente de *Mujeres Creando*. Segundo uma das responsáveis pela materialização desse projeto, a militante Carolina Otonello afirmou em entrevista de lançamento do periódico que:

Las mujeres no tenemos un espacio donde poder mirar la realidad desde otra perspectiva, no existe un medio donde las mujeres generen historia y aporten desde sus miradas a la construcción de una sociedad diferente. (...) *Necesitamos decir cuál es nuestra visión de país desde la vivencia de las mujeres*, más allá del regionalismo, de las tradiciones, de la religión, de la cosificación, de la tiranía estética, del civismo que nos estanca. (...)⁵ (OTONELLO, 2013) (grifos meus)

O objetivo dessa publicação seria disponibilizar para as mulheres bolivianas, em especial, de Santa Cruz de la Sierra, uma escrita com um ponto de vista das mulheres e que possibilitasse uma forma de escrever sobre os assuntos atuais que não estivesse marcado por um vocabulário e por uma estética machista. Textos, desenhos, caricaturas, cobertura de

temas atuais são realizados na tentativa de construir um material com uma linguagem feminista, que se contraporá a boa parte da imprensa do país, que segundo elas, está marcada por uma linguagem dependente político e financeiramente, e de caráter patriarcal.



Imagem 2⁶

O periódico é vendido nas duas casas das *Mujeres Creando*, em pontos e bancas de revistas onde há maior fluxo de mulheres trabalhadoras. Assim como as demais iniciativas do coletivo, os custos vinculados a essas produções são retirados das vendas de materiais e das demais atividades autogestionadas – bancas de vendas de artesanato feminista, vendas de livros, vídeos, eventos organizados nas casas – que servem como fundos para as atividades. Assim, os materiais impressos e as diferentes produções

Gleidiane de Sousa Ferreira. PRODUZIR CONHECIMENTO SOBRE SI MESMAS

artísticas acabam por não apenas significarem produções de materiais políticos feministas, mas também, possibilitam uma forma de autogestão das demais atividades fomentadas pelo grupo. A produção de análises, textos e a instrumentalização de técnicas jornalísticas aparecem como exemplos dessa tentativa de “falar”, e conseqüentemente, tentar ser ouvida pela sociedade.

Partir da própria realidade de opressão, produzir materiais de análise e de crítica feminista – sejam eles literários, musicais, visuais, teatrais, jornalísticos, ou em outro formato, e propor um debate interseccional dessas formas de opressão – é uma forma de reelaborar alguns pilares das narrativas oficiais da história do feminismo no Cone Sul.

Outro objetivo tido como central para o grupo é realizar análises feministas “*desde la practica y de la rebeldia*” e que superem as visões universalistas da opressão de gênero; ou seja, que não tomem como referências os marcos cronológicos dos feminismos europeus (como as primeiras e segundas “ondas” feministas) e que não se findem em visibilizar o feminismo como opressões de homens sobre mulheres, ou de masculino sobre o feminino, mas que expressem uma crítica micro e estrutural do “patriarcado” como forma de organização que materializa todas as desigualdades entre as pessoas e das pessoas com a natureza. Ao observar o amplo leque de temas discutidos pelo grupo é possível destacar a tentativa de colocar o feminismo como um olhar, uma perspectiva e um projeto revolucionário de transformação social.

Além das análises feministas em formato de folhetim, jornal ou revista, outra reconhecida forma de atuação do grupo são as *agitaciones callejeras*, ou seja, as atividades de teatro de rua e intervenções urbanas que cotidianamente fazem parte das datas comemorativas, das festas e dos protestos que o grupo constrói ou participa, especialmente na cidade de La Paz. Os esquetes teatrais e os grafites estão entre as ações de rua mais

importantes e mais registradas iconograficamente durante o tempo de existência do coletivo.

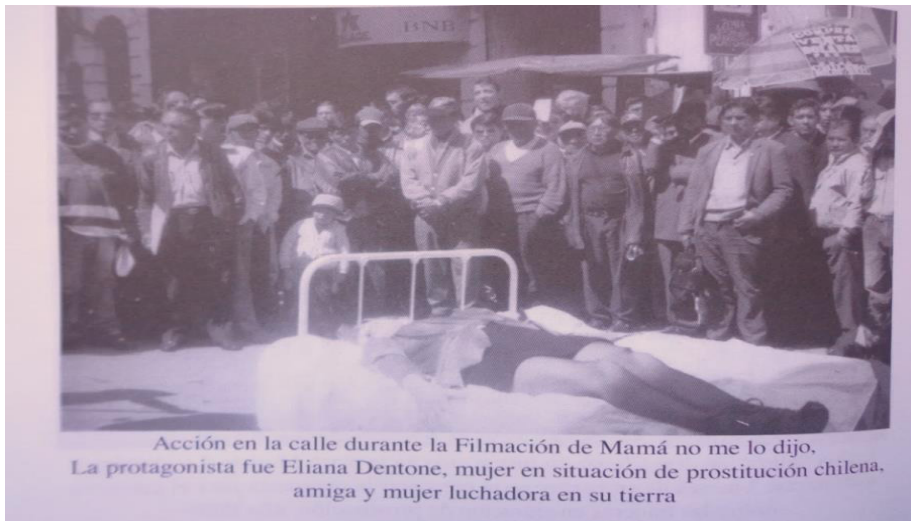
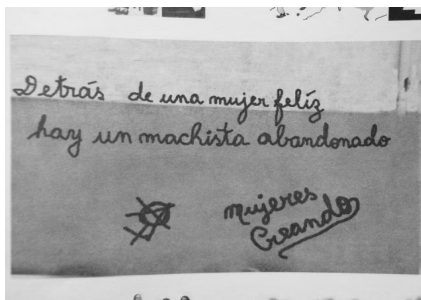
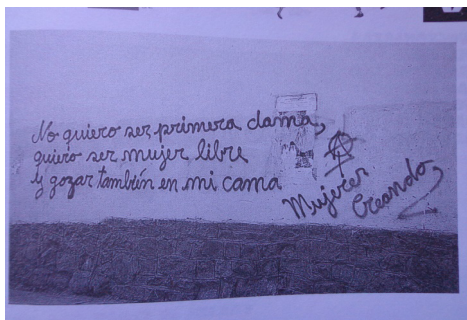
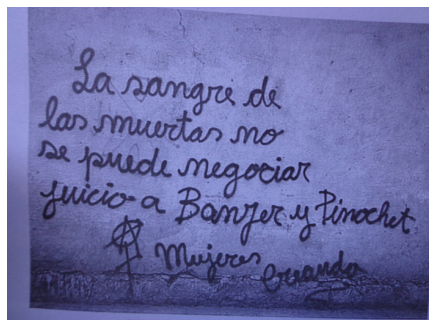


Imagem 03 ⁷

Essas atividades foram (e são) recorrentemente alvo de muitas repressões e prisões das integrantes do coletivo, mas também, são importantes momentos de visibilidade para suas lutas e seus questionamentos. Os grafites de rua são o principal exemplo dessas atividades de rua, rendendo durante esses vinte anos de militância, dois livros de compilações fotográficas que registram boa parte dessa atividade, que é, ainda hoje, bastante viva nas ruas da capital boliviana. Dificilmente, uma pessoa que percorra a cidade de La Paz não se deparará com os grafites assinados pelo grupo. A maior parte dessa produção urbana é focada em frases reflexivas e não em desenhos e imagens como comumente vemos marcar esse tipo de ação.

Imagem 4⁸Imagem 5⁹Imagem 6¹⁰Imagem 7¹¹

A proposta afirmada pelo grupo é de usar e entender a rua como o espaço primeiro de diálogo com as pessoas comuns. É o lugar fundamental na exposição de ideias, que de forma democrática, podem ser veiculadas a qualquer pessoa que transite na cidade. Para o coletivo, composto por muitas das mulheres que tinham vivenciado os períodos de ditadura, o grafite era uma forma de dialogar nos momentos que a imprensa estivera controlada, sendo ainda hoje, uma forma de popularizar e democratizar a “fala”, e de divulgar pautas e ideias. Essa visão foi, e ainda é, constantemente expressada para afirmar a importância da busca por outras táticas de trazer para a sociedade as reflexões feministas, tomando como base os recursos

populares de ação. Como destacado na introdução do livro *Grafiteadas*, lançado nos anos 1990:

Las calles y las paredes de nuestras calles eran y son las pizarras del pueblo, fue una de las cosas preciosas que aprendimos, eran y son la información, cumplían este papel, cuando pegábamos panfletos o noticias de las minas en las paredes de la Perez o de San Francisco o en la Garita, en medio de una prensa reprimida y silenciada, esto era una de nuestras maneras de informarnos, la prensa de aquella época era diferente, pero también reprimida y comprada como en la actualidad.¹² (MUJERES CREANDO, s.d, p. 17) (grifos meus)

Nesse sentido, é importante destacar que as produções teórico-práticas de *Mujeres Creando* buscam articular elementos da vida política, social e cultural – como a sexualidade, as discussões étnico raciais, o capital internacional, as crises econômicas, a educação, o meio ambiente, o empoderamento das mulheres, o direito à cidade, dentre outras temáticas – que segundo elas, são fundamentais nas críticas do feminismo. A luta feminista articulada a uma crítica aos privilégios, hierarquias e desigualdades sociais, expressa a preocupação por parte do grupo em se definir como um feminismo popular e radical, ou seja, que articula a atuação feminista dentro de uma perspectiva interseccional de luta.

Esses elementos se constituíram como fundamentais na luta feminista dessas mulheres no contexto político recente boliviano. A ascensão do governo do presidente Evo Morales como um culminar das lutas indígenas construídas na segunda metade do século XX, também fez parte de muitas das críticas sociais desenvolvidas pelo grupo. Embora boa parte dessas mulheres se identifiquem como mulheres indígenas de diferentes etnias, segundo elas, as disputas realizadas pela via estatal, a continuidade de políticas “patriarcais” por parte de tal gestão e de seus diferentes grupos de apoio – como no caso do aborto, das punições relacionadas à violência doméstica, por exemplo – foram elementos que tornaram o coletivo um dos grupos mais críticos da atual presidência, destacando os limites que um

governo indígena pode trazer na real transformação da vida das mulheres, em especial, das mulheres indígenas.

O debate da “despatriarcalização” como fundamental no processo de descolonização traz para a arena política a urgência de se pensar culturalmente e socialmente as práticas e discursos políticos que se fundamentam na exclusão das mulheres e na manutenção de uma política hierarquizante da sociedade. Enquanto grande parte dos discursos da chamada esquerda latino-americana destaca a importância do governo Evo Morales para a transformação da vida dos povos indígenas que compõem o território boliviano, as “falas” de algumas feministas, munidas de outra perspectiva de reflexão, podem apresentar os limites dessas conquistas, quando expressam críticas aos discursos sexistas e às perspectivas hegemônicas de gênero que muitas vezes aparecem nos discursos e práticas de muitos governos da América latina.

Não busco aqui desenvolver uma discussão sobre as conquistas políticas vividas na Bolívia durante o governo do presidente Evo Morales, mas apenas destacar a importância de visões aportadas em perspectivas feministas, inclusive de mulheres indígenas, como forma de pluralizar discussões sobre esse cenário. As perguntas que provoco aqui são: o que os feminismos podem dizer sobre o processo recente de mudança política na Bolívia? Desde essa perspectiva, como as conquistas, as lutas, os discursos e as diferentes práticas políticas podem ser debatidos e explorados? Como podemos ler as análises feministas na compreensão desses processos históricos?

Perguntado isso, é importante destacar que boa parte da preocupação política do coletivo é justamente voltada para a busca por conquistar e estabelecer uma voz autônoma do feminismo. Para além de falar sobre as mulheres e das relações de gênero, o esforço crítico, como assinalado anteriormente, é de construir um lugar para a interpretação

feminista entendida como uma crítica cultural, social e como um projeto de sociedade. Como falava a filósofa feminista Susan Bordo sobre a importância de as pessoas aprenderem a ler as análises feministas, esta autora destacava a necessidade de se entender o feminismo como uma perspectiva que está para além da busca por “direitos” das mulheres, mas que produz conhecimento onde a sociedade e os sujeitos são pensados em sua completude, e os paradigmas da produção do conhecimento também são deslocados. (BORDO, 1998)

Essa perspectiva crítica não se finda nos debates de gênero ou sobre a condição de vida “das mulheres”, pois é um olhar cujas grandes narrativas, as categorias fechadas e os discursos constituídos sobre sujeitos abstratos e sem corpo, não devem conseguir espaço. É uma perspectiva que pretende ter criticidade sobre o todo da organização social. Embora focada principalmente nas produções acadêmicas feministas, essas questões da “leitura” do feminismo trazida por Susan Bordo, também podem ser pensadas para as diferentes práticas dos movimentos feministas. Ao pensarmos um tema como o aborto é necessário dizer que ele pode sinalizar amplas discussões sobre os direitos e a autonomia das mulheres, mas também, implica um rearranjo das discussões sociais que interpelam a reprodução e o controle do Estado, os modelos familiares, as violências, as masculinidades, a economia, dentre outros temas.

Desse modo, pensando o contexto de onde fala o grupo Mujeres Creando, um lugar próprio de “fala feminista” dispõe de outras formas de contar e de refletir criticamente as recentes conquistas vividas pela Bolívia. Como a partir de uma perspectiva feminista esse processo pode ser narrado? O próprio tema do aborto, que continua sendo bastante criminalizado por diferentes grupos da sociedade boliviana, é bastante emblemático desses conflitos de perspectiva. Como registrado em texto produzido em 2010, a militante María Galindo dizia:

Penalizar el aborto es manifestar el desprecio por la vida de esas mujeres jóvenes, pobres e indígenas. (...) La penalización del aborto es una forma de **colonización** del cuerpo de las mujeres por parte del estado patriarcal. La maternidad como imposición y como mandato cultural tiránico de reproducción es una forma de sometimiento inaceptable **venga del capitalismo, del socialismo o venga de la comunidad indígena**.¹³ (grifos meus)

Dado esse panorama, é importante destacar a maneira com que essas mulheres ressaltam a necessidade de se “*tomar la palabra*” como forma de manifestação verdadeiramente autônoma, livre e de empoderamento, em que elas possam falar a partir de si próprias e não sejam sempre objetos de interpretação de outros. A importância de se construir uma “fala” que parta da própria experiência de opressão e não do agenciamento de lutas por parte dos(as) intelectuais militantes de “escritório”, são para essas mulheres, fundamentais na organização de lutas autônomas. Para elas, esse foco permite que os grupos oprimidos sejam protagonistas da “fala” e das ações de suas próprias lutas, e não padeçam sob a representação e o silenciamento. O intensivo uso da palavra (escrita ou falada), do corpo e das imagens, são recursos que marcam essa experiência de militância e nos indicam sobre uma perspectiva de feminismo que “fala” a partir de diferentes recursos e em diferentes lugares.

A “fala”, nesse sentido, pode ser pensada como um “acontecimento”. Um acontecimento que muito diz sobre os feminismos contemporâneos. A tentativa de falar sobre si mesmas está para além do bom domínio da palavra escrita – embora este seja fundamental – mas busca utilizar criativamente diferentes suportes para viabilizar a divulgação de suas ideias.

É precisamente neste aspecto que os atos de escrever, atuar e divulgar ideias podem ser pensados como uma tomada do direito de falar sobre si; mas também, como forma do empoderamento das lutas que cabem às mulheres e ao feminismo. Essa preocupação traz para o cenário político

feminista não apenas as construções criativas de falar sobre si, mas também, a possibilidade de se pensar quais os sujeitos sociais que compõem a luta feminista buscada pelo grupo. Desse modo, é possível realizar mais perguntas: Quem são os sujeitos que constroem o feminismo das Mujeres Creando e por quê? De que forma essa forma de feminismo dialoga com outras expressões dos feminismos internacionais e latino-americanos? Esses questionamentos me fazem pensar que, esboçar respostas para essas perguntas só se torna possível a partir de um olhar histórico e contextual.

MAS A FALA PRESSUPÕE UMA ESCUTA

É importante, na problematização desse grupo, atentar para algumas das inquietações levantadas pela filósofa María Luisa Femenías sobre a preocupação que devemos ter acerca dos feminismos latino-americanos e de suas elaborações teóricas, que não podem ser entendidas à luz dos modelos tradicionais de perspectiva e cronologia dos feminismos estadunidenses e europeus. Os discursos produzidos sobre o feminismo e sobre o sujeito feminista construído pelo grupo Mujeres Creando, precisam ser pensados, entendendo o modo como a articulação teórico-prática de sua militância possibilita, ou não, *novas formas* de pensar o feminismo e a crítica social.

A novidade aqui, se dá menos pelo aspecto original do pensamento, mas principalmente, pelas “reapropriações” feitas das várias concepções de feminismos que circularam nas experiências políticas dessas mulheres. Como afirma Femenías, referindo-se ao termo “tráfico de teorias” elaborado pela linguista Cláudia Lima Costa: “*Traficar teorías implica una práctica que quebra en su reapropiación – los modelos originales, enriqueciéndolos*”. (COSTA, Cláudia L. apud FEMENÍAS, María L., 2007, 14)¹⁴

Nesse sentido, destaco a importância de entender a experiência de militância desse grupo, ao indagar as articulações feitas entre feminismo e anarquismo no contexto de emergência de um discurso igualitário e multiétnico na Bolívia, em que novos atores sociais integram os debates suscitados pelo Estado nesse país¹⁵. Desse modo, problematizar as atividades realizadas de forma auto-gestionada pelo grupo – como as casas de apoio de atividades, a criação de meios de comunicação, a produção de análises e de crítica social, além dos materiais artísticos utilizados para as atividades de protestos e como renda para o coletivo – são fundamentais na tentativa de pensar a própria proposta de feminismo construída discursivamente por essas mulheres.

Entendendo que os seus escritos teóricos, as suas intervenções artísticas (grafites, esquetes de rua, produções audiovisuais, artes plásticas, dentre outras) e suas participações públicas como marcas dessas concepções de feminismos, assim como as suas particularidades quanto aos temas étnico-raciais, de classe e de sexualidade que emergiram durante esse período na Bolívia, encaminho a finalização deste texto com menos respostas e mais questionamentos. Teria o grupo Mujeres Creando elaborado uma leitura inovadora de feminismo? Quais as representações dos sujeitos feministas na elaboração de seus discursos de ação militante? Segundo elas, quais os principais inimigos a serem combatidos pelo feminismo? É possível falar de uma crítica e de uma visibilidade originais para o feminismo? Seriam as Mujeres Creando uma nova possibilidade de contar as histórias do feminismo do Cone Sul, como nos inquieta Clare Hemings ao indagar homogeneidades narrativas dessas histórias? (HEMINGS, 2009)

Para pensar as elaborações teóricas dos discursos produzidos sobre o feminismo e o sujeito feminista desse grupo, me aponto aqui nas definições do conceito de “experiência” elaborado pela historiadora Joan Scott, na medida em que, segundo a autora, a experiência deve ser

problematizada sobre os contextos em que os sujeitos elaboraram (e elaboram) historicamente e socialmente discursos sobre sua história, sobre si próprios e sobre outros grupos sociais. Significa “*tratar a emergência de uma nova identidade como um acontecimento discursivo*”. (SCOTT, 1998, p. 319)

Baseada nessas considerações, entender a prática feminista das Mujeres Creando é partir de uma reflexão que tenta compreender a imbricação entre experiências pessoais e contexto social, que teria possibilitado a construção de discursos sobre o sujeito feminista anarquista na história recente boliviana, e como nos alerta Scott, é tarefa que deva ser realizada historicizando a experiência e as identidades que ela produz.

O que busquei sinalizar neste texto - que parte de uma pesquisa inicial sobre tal grupo – é a forma com que as práticas de escrever, atuar, divulgar, grafitar, poetizar, desenhar, se apropriar de mídias tradicionais como o jornal impresso, o rádio, a revista, dentre outras atividades, são práticas que mais do que produzirem documentação e material de análise, são elas mesmas conteúdo a ser analisado e problematizado historicamente. A autogestão e a tentativa constante de construir espaços autônomos de “fala” devem ser pensadas considerando a complexidade do contexto recente da política do Cone sul, em especial, da Bolívia; mas também, devem ser conflitadas com as diferentes, e em muitos casos, divergentes formas de pensar as práticas feministas.

A emergência de cada espaço de “fala” – como interpretei neste texto sob a influência das reflexões suscitadas pela feminista Gayatri Spivak – é acontecimento fundamental para se pensar a história de militância desse grupo, a história recente do feminismo latino-americano, e também, de conflitar as grandes narrativas históricas que estão desacostumadas a considerar a “fala” daquelas pessoas que não se encaixam nas definições do sujeito universal.

Buscando um distanciamento dos feminismos liberais e dos feminismos vinculados aos processos de “ongnização” vividos nas últimas décadas na América Latina, a construção desses espaços é um frutífero indício de práticas que surgem mobilizadas por ideais compartilhados, que tentam sustentar suas “falas” como autônomas e independentes de instituições, partidos e organizações. Finalizo, na espera que esses espaços de “fala” se consolidem e se estabeleçam ainda mais, independente das interpretações de qualquer pesquisadora ou pesquisador, que assim como eu, se atreve a pensar e significar as trajetórias feministas.

NOTAS

(Endnotes)

- 1 Segundo María Galindo, uma das fundadoras do grupo, o termo “tecnocratas de gênero” se refere às feministas que privilegiam uma atuação militante desvinculada de uma crítica social mais complexa, e que objetiva, a partir da administração pública e de “políticas de inclusão”, reverter as desigualdades de gênero. Esse termo também pode ser encontrado em algumas autoras que discutiram os feminismos na América Latina, e sua complexa relação com as políticas públicas, e com as diversas ONG’s que se fortaleceram após os períodos ditatoriais. Ver: (MONTECINOS, 2003).
- 2 Destaco que depois de um levantamento inicial cataloguei mais de 35 textos autônomos, 3 documentários e 10 livros de análise feminista escritos e/ou produzidos pelas *Mujeres Creando*. Grande parte desse material está disponível para compra na *Casa Virgen de los deseos* ou na página no grupo na internet. A renda conseguida com essas vendas serve para a manutenção das atividades encabeçadas pelo grupo.
- 3 Além desses serviços, a casa também disponibiliza atendimento médico gratuito durante um dia da semana, sala de estudos, livraria e mercearia com produtos básicos com preços mais baixos.
- 4 Em sequência, as capas dos números 1, 5 e 6 da revista *Mujer Publica*. Essas edições versam, especialmente, sobre temas como identidades, sexualidade, direitos LGBL, teorias e debates ecofeministas.
- 5 Entrevista concedida ao jornal *El Día* na Bolívia. Acessado em: 18 de julho de 2014. Disponível em: http://eldia.com.bo/index.php?cat=356&pla=3&id_articulo=118830
- 6 Capa do primeiro número do periódico, lançado em maio de 2013.

-
- 7 Essa imagem é referente a uma ação de rua teatralizada durante a filmagem do documentário “Mamá no me lo dijo”, produzido pelo grupo em 2003. A película discute sexualidade e dupla moral a partir de quatro personagens: uma prostituta, uma freira, uma vendedora e uma indígena. Na foto aparece a protagonista Eliana Dentone, militante em situação de prostituição no Chile e que participou das filmagens. Imagem retirada do livro produzido pelas *Mujeres Creando* de nome “Ninguna Mujer nasce para puta” p. 148.
 - 8 Imagem retirada do livro *Grafiteadas*. p. 43. “Atrás de uma mulher feliz existe um machista abandonado”. (Tradução livre)
 - 9 Imagem retirada do livro *Grafiteadas*. p. 80. “Seja feliz deixa teus privilégios”. (Tradução livre)
 - 10 Imagem retirada do livro *Grafiteadas*. p. 61. “Não quero ser primeira dama, quero ser mulher livre e gozar também na minha cama”. (Tradução livre)
 - 11 Imagem retirada do livro *Grafiteadas*. p. 75. “O sangue dos mortos não pode negociar, justiça a Banzer e Pinochet”. (Tradução livre) A frase se refere aos ditadores boliviano e chileno, Hugo Bánzer e Augusto Pinochet, respectivamente.
 - 12 “As ruas e as paredes de nossas ruas eram e são as lousas do povo, foi uma das coisas mais preciosas que aprendemos, eram e são a informação, cumpriam este papel, quando colávamos panfletos ou notícias das minas nas paredes la Perez, da São Francisco ou em la Garita, em meio a uma imprensa reprimida e silenciada, esta era uma de nossas maneiras de informarmos, a imprensa daquela época era diferente, mas também reprimida e comprada como na atualidade.” Tradução livre.
 - 13 Esse texto, que se encontra publicado na página do grupo na internet, se transformou em um livro chamado “No se puede descolonizar sin despatriarcalizar”, que analisa as contradições existentes no governo Evo Morales, que munido de um “falso discurso” de “descolonização”, continua mantendo os corpos das mulheres “colonizados”. Disponível em: <http://www.mujerescreando.org/>
 - 14 Ainda sobre a questão das releituras feita pelos “subalternos” sobre as teorias hegemônicas, a autora diz: “*Si las teorías se trasladan de modo directamente proporcional a su grado de generalidad, apropiárselas implica un proceso de producción de nuevos significados (...) Por eso, gracias a tales traslados y al vínculo que se establece entre las teorías y los subalternos, se produce un lugar de apropiación que da por resultado la fractura radical del discurso hegemónico originario, a los efectos de su revaloración y de su resignificación contextualizada.*” (FEMENÍAS; 2007, 13)
 - 15 Entendo que os discursos multiétnicos e multiculturais foram aos poucos apropriados pelo estado boliviano, desde as tímidas reformas legislativas “inclusionistas multicultural” encabeçadas pelo governo de Sánchez de Lozada entre os períodos de (1993-1997), até as reformas constitucionais e de concepções de Estado formuladas pelo governo do Evo Morales a partir de 2006.

REFERÊNCIAS

BORDO, Susan. A feminista como o “Outro”. In: *Revista de Estudos Feministas*, Vol. 8, n. 1, p. 10-29.

FEMENÍAS, Maria Luisa. Esbozo de um feminismo latinoamericano. In: *Revista Estudos Feministas*, vol. 15. n. 1, 2007. p. 11-25.

GALINDO, María. No se pude descolonizar sin despatriarcalizar: Teoría y propuesta de la despatriarcalización. Sd. Editora Mujeres Creando.

HEMMINGS, Clare. Contando estórias feministas. In: *Revista Estudos Feministas*, vol. 17. n. 1, 2009. p. 215-241.

LUGOÑES, María. Multiculturalismo radical y feminismos de mujeres de color. In: *Revista Internacional de Filosofía Política*. Núm. 25, 2005, p. 61-76.

MUJERES CREANDO. Grafiteadas. La Paz: Editora Mujeres Creando. s.d.

MONTECINOS, Verónica. Feministas e tecnocratas na democratização da América Latina. In: *Revista Estudos Feministas*. v. 11, nº 2, p. 351-380, 2003.

OTONELLO, Carolina. La Malhablada, prensa feminista. *Jornal El Día*. 2013. Disponível em: http://eldia.com.bo/index.php?cat=356&pla=3&id_articulo=118830

SCOTT, Joan. A invisibilidade da experiência. *Projeto História*, São Paulo, (16), fev. 1998.

SPIVAK, Gayatri C. Pode o subalterno falar? Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010.